

Tendências Que Afectam A Igreja

Pelo Pr. Samuel Filipe Trancoso

Introdução

Para que possa cumprir o objectivo deste trabalho será bom começar por dar um pano de fundo da história do pensamento em geral e assim será mais fácil entender como a igreja poderá alcançar esta geração.

Quem fala em pós-modernidade está dividindo a história da civilização, em três grandes períodos: a era pré-moderna, a era moderna e a era dos nossos dias - esta que, na falta de um nome melhor, convencionou-se chamar de "pós-moderna".

A primeira era, a **pré-modernidade**, começou com o primeiro homem e estendeu-se a até algum momento do século XVIII. Durante todo este período o ser humano manteve-se, basicamente, um ser místico. A vida estava além do controle do homem e só podia ser explicada em termos sobrenaturais. Em geral não ocorreria a ninguém duvidar da realidade do mundo dos espíritos ou de coisa que o valha (digamos, o imaterial mundo das ideias de Platão), e todas as soluções aos problemas do ser humano dependiam da boa vontade de Deus ou deuses.

Perto de 1700 a **modernidade** "bateu o pé". A Renascença deu a primeira, o Iluminismo a segunda e definitiva estocada que tiraram Deus do centro das atenções e colocaram ali o homem e os esforços humanos - particularmente a razão. A principal característica da era moderna é a sua suprema confiança na mente humana. Gente como Descartes gravou a ferro e fogo na mentalidade ocidental a noção de que a razão é o único caminho para o conhecimento, e toda a era moderna partiu do pressuposto de que a razão e a ciência (aplicadas em todas as áreas: saúde, política, urbanismo, ética) trariam as soluções necessárias para os problemas da humanidade.

Foi ao redor de 1960 que a maré começou a mudar. Coisas como a crise de energia, a teoria da relatividade, a guerra do Vietname, a bomba de Hiroshima e os abusos do consumismo contribuíram para que as pessoas passassem gradualmente a concluir que a razão humana talvez não trouxesse, como prometera, respostas para os anseios mais profundos do mundo e do homem. Trezentos anos da supremacia da razão não haviam trazido nenhuma solução unânime para os problemas da guerra, da fome, da injustiça, do vazio existencial. A razão, concluíram esses, fracassara, e diferentes grupos independentes começaram a tactear em todas as direcções em busca de alternativas. A revolução sexual, mística e química trazidas à luz pelos *hippies* dos anos 60 foram os primeiros movimentos que pressupunham essa desconfiança pós-moderna para com as soluções optimistas e pré-fabricadas da era anterior.

A **pós-modernidade** que levantou-se das cinzas da modernidade é tremendamente difícil de definir - entre outras coisas, porque definição é conceito tipicamente moderno e pertence a uma era anterior. Pode-se dizer com segurança que o homem pós-moderno é ao mesmo tempo céptico, espiritual e tolerante. Ele duvida da eficácia da razão, do pensamento linear, da lógica convencional, da explicação racional. Ele está portanto aberto a todas as formas de misticismo e religiosidade, mas não apostará na validade definitiva de nenhuma, porque crê que todas contêm a sua parcela de "verdade" e nenhuma pode ter a pretensão de se posicionar como verdade definitiva – possibilidade que arruinaria a validade e a beleza das outras alternativas.

O nosso objectivo é que a nossa igreja não possa ficar indiferente a novas correntes de pensamento que estão à nossa volta, antes possamos ter impacto na vida dessas pessoas.

Maneiras concretas em que as mudanças na cultura em geral estão a afectar a igreja

Uma pergunta importante: porque é que a igreja não está pronta e presente para acolher esses "filhos desiludidos" da razão e da modernidade logo que eles começaram a aparecer na década de 1960? Porque é que os *hippies* não se

voltaram para a fé cristã quando precisaram satisfazer o seu anseio por uma espiritualidade real?

De uma maneira simples posso afirmar que a igreja acabou por se dobrar no altar do modernismo. O discurso da supremacia da razão havia sido tão longo e eloquente que até mesmo os crentes tinham caído na sua pregação. A igreja havia de alguma forma adoptado a noção paradoxal de que tudo a respeito da fé pode ser explicado e exposto racionalmente.

Não só a minha igreja mas as igrejas evangélicas em geral deixaram-se levar pela modernidade. Complicadas fórmulas eram e são utilizadas para provar que a escritura cristã faz sentido racional e é espelho fiel da realidade científica. Em 1793, Kant publicava *A religião apenas dentro dos limites da razão*, e quase duzentos anos depois Josh McDowell articulava ainda uma defesa racional da divindade de Cristo, demonstrando por A + B que a fé cristã é a escolha mais sensata na prateleira.

O problema é que, adoptando estas interpretações racionais, a igreja confessava que a ciência e o racionalismo são os critérios pelos quais a realidade deve ser julgada.

Quando começaram a buscar onde saciar a sua terrível sede pelo espiritual e pelo místico, as pessoas foram forçadas a concluir que a fé cristã era simplesmente racional demais para interessá-las e a igreja perdeu assim o bonde da pós-modernidade.

Como é que o contexto cultural da igreja está a mudar

Podemos caminhar um pouco pela pós-modernidade. Alisto, agora, algumas características do que é este movimento. Vejamos nelas as marcas de carácter que muitos dos adolescentes e jovens que recebo na minha igreja trazem consigo. E como elas nos afectam, no nosso testemunho de Jesus Cristo.

1º) O colapso das crenças. Quer seja a fé, quer seja o crer na educação, quer seja o aceitar a cultura até então afirmada, há uma descrença em tudo que se afirmou até então. Não crêem que seja verdade que o estudo pode melhorar a vida das pessoas e o mundo. Há desinteresse pela herança passada. Tudo é visto como não funcional, como não resultável, não produtor de bons resultados. Um Cristiano Ronaldo, que mal consegue fazer uma sentença gramatical articulada, ganha muito mais que um cientista. É mesmo um fenómeno. Vive dos média. Vale mesmo a pena estudar? Mas voltando à questão das crenças: não há um conjunto de valores. O que se faz é dismantelar as regras e as estruturas.

2º) A busca de novidades exóticas. Numa música espanhola ilustra-se isso muito bem: "Cada noite um rolo novo. Ontem o ioga, o tarôt, a meditação. Hoje o álcool e a droga. Amanhã a aeróbica e a reencarnação". No dia em que digitava esta parte, 2 de Maio, na televisão passava uma reportagem sobre o consumo

de uma droga chamada ecstasy, em festas de jovens. Normalmente as novidades são contra o estabelecido, e as drogas, muito mais. Veja como a média cria mitos, cria conceitos, projecta sempre o que é contra o estabelecido.

3º) A descrença nas instituições. As instituições sociais falharam no seu propósito de prover um mundo melhor. Os governos, a família, a escola, todos eles falharam. O jovem não crê na declaração romântica do educador de que está formando a mente e educando para o futuro. Não vê o professor encarar a profissão como um sacerdócio, mas como um ganha-pão. Não vê a escola como um lugar agradável nem crê no seu discurso de que estudando a pessoa pode ter oportunidades. Há milhares com diploma na mão e desempregados. Também não crê nas igrejas porque os escândalos são muitos. A igreja dos anos noventas não produz homens e mulheres santos, mas pessoas preocupadas com dinheiro. O vulto mais importante que a igreja evangélica dos anos sessentas legou à humanidade foi o pastor baptista Martin Luther King Jr, Prémio Nobel da Paz. A igreja evangélica dos anos oitenta apresentou ao mundo o bispo anglicano Desmond Tutu, que também recebeu o Prémio Nobel da Paz. A igreja evangélica dos anos noventa é mais conhecida por Edir Macedo que por qualquer outro personagem. Este não ganhará nenhum Nobel. Para o homem pós-moderno, os governos não são honestos nem a classe política é íntegra. A família, via de regra, é um inferno na sua vida doméstica quotidiana. As pessoas desejam ser livres. É o desdobramento do existencialismo, como foi mostrado num filme dos anos sessenta, Cada um vive como quer. As pessoas

são donos das suas vidas, sem convenções, sem compromissos e sem autoridade. E as igrejas evangélicas são, hoje, mais instituição do que comunhão. O aspecto institucional e uma maior importância à ordem e à lei do que à vida nos colocam em desvantagem. Os regulamentos e o "está errado" falam mais alto que a celebração da vida. A igreja precisa funcionar como verdadeira família e não instituição.

4º) A necessidade de escandalizar. É uma maneira de agredir as pessoas e de se defender delas. Escandalizam com a conduta, com a recusa às regras, na indumentária e no visual. A própria maneira de se vestir mostra desleixo e até falta de asseio. Gasta-se muito dinheiro para se comprar uma roupa rasgada. Vestir-se mal e como mendigo é sinal de estar na moda. O pós-moderno rejeita padrões. Costumo dizer que adolescentes não se vestem, apenas se cobrem. É aquele calção que não se sabe se é uma calça comprida do irmão mais novo, porque ficou no meio do tornozelo, ou se é um calção do irmão mais velho porque ficou pouco acima do tornozelo. Todo mundo é igual: o boné virado para trás, uns tênis encardidos nos pés e uma blusa amarrada na cintura. Isto porque querem ser diferentes. Copiam-se uns aos outros na sua diferenciação. Julgam-se diferentes, mas são clones uns dos outros.

5º) Um estilo individualista, hedonista e narcisista. Os jovens de hoje são individualistas, embora vivendo em "tribos". Vivem a sua existência. Não se espere deles patriotismo ou rasgos de idealismo. São hedonistas, vivendo em função do prazer, não necessariamente sexual, mas a busca do que lhes é

agradável. São narcisistas, no sentido de olharem mais para si que para o mundo. Isto não é uma prerrogativa exclusiva deles, mas de toda a cultura pós-moderna. O que vale é o próprio indivíduo.

6º) A falta de uma cosmovisão. O pós-moderno não tem uma cosmovisão nem mesmo posturas coerentes. É a pessoa que nega a existência de Deus, mas que crê em energia vinda de um cristal. Que nega a historicidade de Jesus, mas acredita em duendes. Agem assim porque as cosmovisões são explicações globais do mundo, trazem respostas cabais e últimas. "Nenhuma certeza pode ser imposta a ninguém", diz o pós-moderno. Tudo está bom, tudo está certo. Ao mesmo tempo, isto não faz diferença. Cada um faz a sua crença e a sua religião. O valor último ou padrão aferidor é a própria pessoa. As pessoas não têm mais uma visão determinada do mundo.

7º) A perda do sentido de história. Não existe uma história unificada, produto da visão cristã que impregnou o Ocidente e lhe deu direcção. Existem acontecimentos isolados, histórias de pessoas que se cruzam entre si, sem nexo, sem ligação. Uma visão global da vida não existe. Existe uma visão fragmentária. Pensa-se no hoje, no facto de agora. Perdeu-se a visão de um passado, um presente e um futuro integrados. O pós-moderno opta pelo efémero, pelo modismo, pelo fragmentário, pelo descontínuo. Com isto, a vida não tem sentido histórico nem dimensão linear. É para ser vivida agora, numa dimensão pontilhar.

8º) A substituição da ética pela estética. O dever cede lugar ao querer. As escolhas são privadas e não mais ligadas à sociedade. A capacidade de viver e de desfrutar o belo substituiu a responsabilidade. O negócio é experimentar sensações, cada vez mais fortes, cada vez mais dinâmicas. Nada de sentimento de culpa ou de valores. Viver é fazer o que me agrada. Em outras palavras: ninguém tem nada com a minha vida. Ninguém se prende afectivamente a alguém.

9º) A crise de pertença, ou seja, a necessidade de pertencer a alguma coisa, se tornou mais aguda, nesta situação. A maldição sobre Caim foi tirar-lhe a pertença. Ele seria sem raízes, geográficas ou sociais, um nómada, um errante, um peregrino, andante. O homem necessita pertencer a alguma coisa. É uma profunda carência existencial. Precisa pertencer a uma igreja, um clube, uma associação, etc. Como a crise de pertença surgiu logo vieram os relacionamentos "lights", imediatistas, sem ligações profundas, manifestadas no sexo efémero e casual. O instinto substitui o afecto. Cada semana, uma pessoa. Pertence-se a uma "tribo", mas se refugia no anonimato de relações via Internet.

10º) A característica a seguir é a mais forte, em termos de nosso trabalho: a pluralidade ideológica e cultural. A nossa época é uma época de síntese. As pessoas querem ter posições, mas querem concordar com tudo. A pessoa tem uma cultura tecnológica, de informática avançada, mas crê em florais, astrologia e numerologia. Não tem convicções, mas conveniências. O seu credo é mais produto de ajustes de convivência do que de convicção pessoal. Pode-se ter

grande zelo pela ecologia e desprezo pelo humano. As crenças e posturas são casuais e produto de circunstâncias. O evangelho pode ser verdade, mas é verdade para uma pessoa e não para outra. Há tantas verdades como pessoas.

Cada uma tem a sua, cada uma faz a sua.

Posso ver várias coisas mencionadas em cima na igreja. Na nossa comunidade existe ainda uma mistura de pessoas com ideias dentro da modernidade mas também já está a surgir o pensamento pós-moderno na mente de alguns. Notamos isto no gosto por estudo em pequenos grupos, a área da comunhão têm-se desenvolvido muito nos últimos anos na igreja. Notamos também que em geral os crentes já não dão tanta importância à qualidade do som ou dos equipamentos, o mais importante é estarmos juntos e partilharmos experiências da vida cristã e as Escrituras e assim cresceremos em Cristo.

Como é que a minha igreja reage, presentemente, a estas mudanças

A mudança não é fácil! A nossa transição também não vai ser. Mas vai valer a dor e o esforço. Porquê? Pois o nosso mundo agora, precisa das "boas novas de Jesus Cristo", e porque as nossas velhas maneiras modernas de entender e

explicar o evangelho não vão ajudar as pessoas influenciadas pela pós-modernidade entenderem a graça de Deus.

Talvez possamos dizer, "mas espera aí, a igreja está crescendo rapidamente em muitos lugares no mundo, não é?" Sim, mas os lugares onde a igreja está crescendo são lugares onde pessoas "pré-modernas" estão entrando no mundo moderno. Mas nos lugares onde pessoas estão saindo do mundo moderno e entrando no mundo pós-moderno, a igreja está diminuindo.

E é fácil entender o porque: Imagine se todas igrejas em Portugal mandassem crer que o sol e os planetas giram ao redor da Terra e que poderias ser considerado cristão se não cresses nisso. O que irias fazer? Provavelmente continuarias com a tua fé, mas não irias participar de nenhuma congregação que te ensinasse algo parecido. É exactamente isso que muitas pessoas estão sendo forçadas a fazer, deixar as igrejas devido as exigências feitas por governos e dogmas que guardam interpretações modernas de agir e pensar. Que ensinam normas e doutrinas que nasceram do coração do homem e não de Deus (Mateus 15:3).

A enorme quantidade de intérpretes contemporâneos bíblicos tem prejudicado mais do que auxiliado na busca destas revelações, a nossa compreensão da Bíblia está muito fundamentada no terreno dos outros do que nos nossos, interligando a nossa fé com a politica. Onde o cristianismo foi associado com colonialismo, na mesma forma vai ter que parar e recomeçar com uma nova

maneira de pensar pós-colonial, devido a influência do pensamento não sustentar as respostas que Jesus ofereceu ao Mundo.

Talvez tudo pareceu muito filosófico e longe da realidade, mas tente isso; vá até um café na sua cidade, pergunte para algumas pessoas e jovens o que elas pensam sobre a religião cristã. Eu acho que vai perceber que os pensamentos pós-modernos e pós-coloniais estão muito mais perto do que pensava. Quase todas essas pessoas nunca ouviram as boas novas de Jesus explicadas na linguagem delas –eu não estou falando sobre espanhol, francês, inglês, português ou chinês, mas da língua do pensamento da graça e não do legalismo, sendo moderno ou pós-moderno. Que fazemos então sobre esses novos desafios e oportunidades? Ninguém tem uma resposta simples para essa pergunta. De acordo com Brian McLaren alguns empreendimentos terão que acontecer para atingirmos este campo:

(1). A resposta tem que vir de uma nova geração de pessoas no mundo inteiro. Vozes da América do Sul, África, Europa, Ásia, América do Norte, têm que contribuir para um novo cristianismo, pós-moderno acompanhado de uma articulação no evangelho para melhor explicarmos a história de Deus. (2). Além disso, cada comunidade local tem que achar maneiras de entender e comunicar o evangelho num mundo em constante metamorfose, para melhor ajudar as pessoas de acordo com cada contexto (Actos 17:16-34). Elas não podem trazer solução dos EUA ou da Inglaterra, por exemplo, sem contextualizar. (3). Artistas têm uma parte importante nesta conversa porque no mundo pós-moderno,

somos mais conscientes de como a verdade tem que ser sentida profundamente assim como compreendida logicamente. (4). A nossa mensagem não tem que ser somente proclamada, mas também expressada, para ser acreditável (I Tessalonicenses 1:5). A nossa igreja precisa ser uma comunidade que procure viver pela mensagem e pelas formas de tratamento aplicadas diante do meio ambiente, dos pobres, dos estrangeiros, dos artistas, dos idosos e das crianças. Podemos analisar que a história continua e que pós-modernidade nada mais é que a consequência do desenvolvimento humano onde a Igreja precisa entender e usar de todos os artifícios para que o nome de Jesus seja proclamado neste tempo e época onde será um comportamento ultrapassado daqui alguns anos.

O que quer que o futuro da Igreja cristã nos reserve, certamente será interessante. Sempre foi. E restam ainda questões não resolvidas que os reformadores teológicos precisam responder. A principal delas, naturalmente, é a antiga discussão entre monergistas e sinergistas sobre o relacionamento de Deus com o mundo. Os novos entendimentos da Palavra de Deus sobre essa questão são urgentes, pois os extremos da teologia de processo e do agostinismo-calvinismo são ressurgente polarizam o pensamento cristão mais que nunca. Embora eu "não seja profeta nem filho de profeta", acredito (com temor e tremor) que essa questão consumirá toda a atenção da teologia cristã no nosso século XXI .Se esses problemas específicos da teologia forem resolvidos, ainda que em parte, em data futura, as ideias cruciais certamente

virão de uma cultura que não possua uma mentalidade dualista ou que não insista em ver as agências divina e humana em mútua concorrência.

E por falar em cultura, está aí um aspecto esquecido pela cristandade, são poucos os líderes e denominações que dão importância a esse ponto.

Como é que a igreja pode alterar, sem fugir das suas fundações bíblicas, para aumentar o "*diálogo espiritual*" e comunicar a realidade de Cristo com mais eficaz a esta cultura em geral

Como pregar com um barulho destes? Como transmitir-se a verdade para quem não acredita numa verdade definitiva?

Em primeiro lugar pode ser útil reconhecer que, como a Verdade que temos a transmitir é uma Pessoa (I Coríntios 2:2) e não uma série sensata de proposições racionais, o cristianismo pode encontrar no terreno da pós-modernidade uma tremenda vantagem. Podemos resgatar tranquilamente "a insensatez do evangelho" e o "escândalo da cruz", porque não precisamos mais fingir que a razão e a verdade científica são as verdadeiras medidas da realidade. Jesus é muito mais luz do mundo do que o sol jamais chegará a ser.

Quando bate o pé afirmando que não existe uma verdade definitiva, o homem pós-moderno está falando basicamente de uma verdade *racional*. Uma verdade *relacional* tem tudo para chamar a sua atenção.

Parece seguro que teremos de acabar abrindo mão de todas as abordagens convencionais (todas elas racionalistas e "modernas") de evangelização.

Robert Nash Jr. faz uma série de generalizações a respeito da proclamação do Evangelho no idioma da pós-modernidade:

"o desafio requer verdadeira espiritualidade; cruzadas evangelísticas e séries de conferências, como praticadas na maior parte das igrejas, são relíquias antiquadas de uma visão de mundo "moderno" em declínio; o conceito racionalista e mercantilista de "plano da salvação", desenhado para atingir-se o maior número de pessoas no menor tempo do possível, está definitivamente ultrapassado; ser cristão tem de ser mais do que evitar-se a punição do inferno; a igreja deve parar de fazer declarações proposicionais a respeito de Deus enquanto ignora a necessidade que as pessoas têm de uma experiência com ele; os cristãos devem parar de "convidar as pessoas para ir à igreja" e começar a convidar as pessoas a conhecerem Cristo através delas.

Acredito que, no fim das contas, a grande questão é a igreja fazer-se presente e relevante para o mundo. As palavras de ordem são disponibilidade e relevância.

A cultura evangélica convencional exige que o cristão se disponibilize incessantemente para a instituição; esse ascetismo mantém-nos-à salvo da

nossa missão e do contacto com o mundo. Fomos convidados para nos disponibilizarmos, mas para o mundo, não para uma rotina circular.

Hoje em dia faz mais sentido contar histórias do que expor argumentos infalíveis.

COMO PREGAR E EDUCAR UMA IGREJA NESTE CONTEXTO

É uma situação desvantajosa para o pregador, que sempre é um educador, geralmente produto de outra cultura. Muitas vezes ele mesmo vive em conflito por causa do choque cultural. Foi criado num estilo, mas já assimilou padrões de outro estilo. Como pregar numa sociedade pós-moderna?

1º) A igreja precisa ter uma visão holística do mundo. Lembrando que temos valores eternos, como cristãos, que somos. Há valores temporários, locais e mutáveis. Há valores inegociáveis. O pregador, o pastor e os crentes em geral necessitam ter uma cosmovisão cristã completa, conhecer a sua fé e os seus valores e vivê-los (I Pedro 3:15; II Coríntios 3:2). Muitos pastores não têm uma visão global do mundo, e, o que pior, muitos não têm sequer uma visão global da sua fé, sabendo encaixar o mundo nela, analisando o mundo através dela. A sua fé é atomizada, de pequenos credos, sem uma visão holística do evangelho. Sem ver o evangelho como uma cosmovisão, uma explicação global do mundo. Isto é trágico para um pastor. Ele observa a vida cristã por um determinado dom, por uma visão de ministério, pelo modismo contemporâneo. Sem uma visão global do evangelho fica difícil analisar o mundo.

2º) A igreja deve ser uma comunidade calorosa, sadia e honesta (Actos 2:42-47).

As pessoas devem ser ouvidas e levadas a sério. Devem ver seriedade no trato.

O jovem continua necessitando de limites. Busca um guia-líder confiável. O que leva jovens a se envolverem com seitas exóticas como Moon? É que esses líderes os aceitam e lhes são uma referência. A igreja pode oferecer este ambiente ao jovem?

3º) Coerência é fundamental (I Coríntios 11:1; II Coríntios 3:2). A frase é do papa Paulo VI, mas nem por isso deve ser tida como inválida, muito pelo contrário:

"Os jovens de hoje não querem mestres, querem testemunhas". Querem pessoas que creiam nos valores que propagam. O pastor digno do nome é alguém que busca ser modelo. Há pastores que não amam as pessoas, mas o seu ministério, o seu trabalho, sua filosofia ministerial e, algumas vezes, a obra de Deus. Isto é errado, se não ama as pessoas terá grandes dificuldades no seu trabalho. Outros têm o ministério apenas como um outro trabalho qualquer. O pastor e o líder cristão que se prezam colocam a pessoa no centro. Amamos os nossos templos, os nossos prédios, as nossas instituições. Mas e as ovelhas? São apenas um detalhe aborrecedor e irritante? Elas apenas fazem parte do seu trabalho, do seu ministério. Isto é grave. As pessoas sabem quando são usadas e manipuladas e sabem quando são aceitas e amadas, mesmo que discordemos delas.

4º) Precisamos amar o que fazemos. Uma das questões mais atacadas pela pós-modernidade é exactamente a hipocrisia dos líderes, com um discurso e com

outra prática. Gente tem valor, é preciosa, e lidar com gente pressupõe amá-las (I João 3:14-18). Pastorear pressupõe amar o trabalho que se faz. Pode-se fazer algo mecanicamente em uma linha de montagem, sem amar as máquinas e os parafusos. Mas lidar com gente sem amá-las e sem amar o trabalhar com gente, é sinal de fracasso. O amor ao que se faz dá forças para superar as crises e capacidade para se actualizar. Digo que pastorado é uma actividade que só pode ser realizada com coração. As marcas ficarão na vida das pessoas que entrarem em contacto connosco.

5º) A igreja precisa dar respostas relevantes para a vida real das pessoas. Não vou entrar em área de conteúdo teológico, mas que respostas as nossas igrejas estão dando para a vida? Pregamos o que gostamos ou o que as pessoas precisam ouvir? O púlpito está dando respostas sérias ou é um falatório sobre religião? Pregamos apenas assuntos ou pregamos uma pessoa, Jesus, que tem respostas para a vida das pessoas? Com que estamos preocupados? Com assuntos que nos dizem respeito ou com as necessidades dos ouvintes? De que se ocupa o púlpito? De Cristo ou de política denominacional. Para que o usamos? Para glorificar a Cristo ou para enviar recados aos outros?

6º) A fé precisa ser viva numa igreja. Parece banal, mas tem nexos no que quero dizer. A igreja deve expressar o carácter cristão nas suas relações e no seu ambiente. O pós-moderno necessita ver uma II Igreja Baptista do Barreiro como uma instituição séria, espiritual, coerente na sua fé. Ele está cansado de dicotomia entre conduta e fé. Farto de fingimentos. O jovem pós-moderno

clama: "quem me vende um pouco de autenticidade? A espiritualidade continua fora do culto? Cantamos o coro "esta igreja ama você" na hora de saudar os visitantes. Mas, mal acaba o culto, temos interesse nele? Se trazer um problema a igreja esta mostrará que o ama? A fé e os relacionamentos aparecem apenas na hora do culto ou permeiam a vida das pessoas?

7º) O púlpito precisa ser Cristocêntrico (I Coríntios 1:23). Cristo precisa voltar a ser o centro e o interesse da pregação. Valorizam-se dons, exalta-se o Espírito Santo, mas a segunda pessoa da trindade tem sido esquecida na sua própria Igreja. A IURD trocou a cruz pela pomba. Outro dia, dizia um pastor pentecostal: "Cristo é o canal para trazer-nos o Espírito Santo". Que mudança doutrinária! E João 14 a 16, que fazer deles? E a cruz, onde colocá-la? Um púlpito bíblico, exegético, com Cristo no centro, é uma necessidade insuperável da igreja.

Preparando um ano de estudos bíblicos para a minha Igreja, sobre Teologia Sistemática, entrei numa das maiores livrarias evangélica do nosso país para adquirir livros sobre Cristologia. Queria alguns além dos que tenho. Não encontrei um, um sequer (apenas teologia em geral). Mas encontrei quarenta e dois, sobre batalha espiritual, sobre demónios, quebra de maldições. Temos um contraste doloroso. A Igreja é de Cristo mas está fascinada por demónios. Temos um Cristo que salva, que perdoa, mas que é fraco e é incapaz de livrar a pessoa do poder de demónios. Cristo precisa voltar a ter a primazia no nosso ensino. Cristo precisa voltar ao primeiro lugar no púlpito. Chega de mediatismo humano!

8º) A Igreja precisa de rumo. Mencionei anteriormente que o pós-moderno é pragmático e não idealista, que pensa localmente em vez de globalmente. Isto está acontecendo com as igrejas. A Igreja deixou de ser a comunhão dos santos e só se pensa em ser uma mega-igreja.

Devemos concentrar os nossos esforços em ter uma igreja grande no nosso bairro de classe média. Dá mais status. A visão é ser uma mega-igreja. Nesta azáfama, doutrinas e posições históricas são sacrificadas por métodos esquisitos e antibíblicos, desde que estes dêem certo. O que vale é o pragmatismo de ajuntar gente, de ter uma "grande igreja". A Igreja precisa de rumo. Ela não precisa de novos propósitos como alguns parecem interpretar. Que uma igreja deve ter rumo e delinear bem seu propósito ministerial, isto é indiscutível. Mas isto não é novo. É neotestamentário. Não criemos novos rumos nem nos desviemos dos traçados pelo Senhor da Igreja.

Talvez mais questões poderiam ser alistadas aqui. Mas creio que, mostradas as linhas da pós-modernidade, não será uma tarefa difícil pensar em como trabalhar cristãmente dentro das suas características. Mas a frase de nosso irmão do passado, Tiago, pode nos ajudar: "Ora, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não censura, e ser-lhe-á dada" (Tiago 1.5).

Conclusão:

Em conclusão a igreja precisa ser relevante na nossa comunidade. Precisamos viver aquilo que pregamos. A igreja precisa dar respostas relevantes para a vida real das pessoas. Mudar o que for necessário e que não vá contra os princípios bíblicos para levar as boas-novas do evangelho a uma geração pós-moderna. Queremos acima de tudo ser a igreja que Deus quer que sejamos, alcançando o nosso propósito que é: "Glorificar a Deus, alcançando pessoas para Jesus, tornando-as pessoas maduras e envolvidas na multiplicação de discípulos autênticos."

Bibliografia

Ayres, António Tadeu. Como Entender a Pós-modernidade. (São Paulo: Editora Vida, 1998).

Beckwith, Francis, J., William Lane Craig e J. P. Moreland. Ensaio Apologético: Um Estudo para uma Cosmologia Cristã. (São Paulo: Editora Hagnos, 2004).

Duque, João Manuel. Dizer Deus na Pós-modernidade. (Lisboa: Livraria Alcalá, 2003).

Sine, Tom. O Lado Oculto da Globalização. (São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999).

Sire, James W. O Universo ao Lado. (São Paulo: Editora Hagnos, 2001).

Este trabalho também reflecte algumas conclusões que a direcção da nossa igreja chegou no dia 28 de Abril de 2007.